

CONGRESSO DE ARQUITETOS NOS TEMPOS DA DITADURA

Em 1976, o Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB tomou a arriscada decisão de realizar o Congresso Brasileiro de Arquitetos, em plena ditadura. O IAB era comandado, à época, por muitos dos mais importantes arquitetos do país, em sua maioria contrária ao regime militar, à censura e ao arbítrio. Vários deles sofreram perseguição política, como Oscar Niemeyer, que foi trabalhar fora do país. Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas foram afastados compulsoriamente da USP, outros morreram lutando como Benetazzo.

Recém-formado e engajado no IAB-SP desde os tempos da faculdade, queríamos a entidade mais presente no interior e representativa do conjunto da categoria e não apenas dos grandes arquitetos e escritórios que admirávamos, todos na capital do estado, o que dava um peso excessivo a São Paulo, pensávamos aqui no sertão. Por isso, o Congresso foi uma oportunidade que se abriu para dar voz a todos os arquitetos.

O Congresso foi marcado para o mês de outubro e seria realizado no Ibirapuera. Como Atalie estudava em São Paulo, abriu-se, como dizem os farialimers hoje, uma “janela de oportunidades” para namorar. Boa parte da estrada de Franca a São Paulo ainda era em pista única, não existia a Rodovia Bandeirantes, apenas a Anhanguera, mas a viagem durava menos que hoje.

O sucesso do congresso foi surpreendente. Vieram delegações do país inteiro, milhares de arquitetos e estudantes baixaram no Ibirapuera. Havia uma ansiedade no ar, um desejo de falar, de protestar ante a situação que não deve ter sido fácil de administrar pelos organizadores, não podiam avançar o sinal ante a ditadura, mas dar o recado sim. Na abertura, lembro que apareceu o governador do Estado Paulo Egydio e seu secretário de Planejamento, arquiteto Jorge Wilhelm. Fiquei pertinho de Paulo Mendes da Rocha, que se sentou no chão tal a lotação. Dias antes, ao ir ao IAB para buscar um documento para mim, Atalie tinha encontrado no elevador o Artigas, assunto para semanas.

Diariamente, o Vicente Wissenbach, que anos depois seria companheiro de viagem a Cuba, publicava um jornal com as principais notícias do congresso. Participei de quase tudo. Lembro que, numa das salas de debates após um catarinense falar algumas merdas, impulsivo, pedi a palavra. Só que demorou tanto para chegar a minha vez, tantos falaram antes de mim que, quando o mediador me chamou, não lembrava mais nada, deu um branco. Gaguejei algumas veleidades sem sentido e vazei na braquiária. Um novo vexame após a gafe de Greenwich, mas, como sabem, aprendi a lição: em boca fechada, não entra mosquito.

O final foi apoteótico. Após a sessão de encerramento e dos discursos, um show do Gonzaguinha aconteceu nos gramados do Ibirapuera. Deitado na grama com a namorada, olhando o céu estrelado e ouvindo música, a gente tinha certeza que a ditadura não duraria muito, que haveria um futuro melhor. Tenho a mesma sensação em relação à Bolsonaro, que logo será passado e pagará por seus crimes. Espero ter tempo para assistir de camarote ao tribunal da Nuremberg tupiniquim.

Mauro Ferreira é arquiteto